

NOMADISMOS, ENCONTROS E FLUXOS: deslocamentos no/para o acercamento de atos de cuidado em alimentação e nutrição

*Lilian Miranda Magalhães **

*Indira Ramos Gomes ***

*João Paulo de Oliveira Rigaud ****

Resumo: O presente trabalho parte da obra *Seara Vermelha* do escritor Jorge Amado para fazer reflexões sobre os "caminhos da fome". A expressão amadiana é aqui compreendida como fluxos migratórios decorrentes de um contexto de constante desterritorialização e violação de direitos, que culminam no mais extremo nível de insegurança alimentar e nutricional. Propõe ainda pensar encontros entre aqueles que vagueiam e constituem multidões de famintos como atos de solidariedade para a preservação da vida. Tal perspectiva emerge de nomadismos epistemológicos para acercamento e ampliação do cuidado em alimentação e nutrição, considerando o seu caráter rizomático.

Palavras-chave: Segurança Alimentar e Nutricional. Iniquidade social. Alimentação e Nutrição. Cultura.

Abstract: *The present work is based on the book *Seara Vermelha* by the writer Jorge Amado to reflect on the "paths of hunger". The Amado expression is understood here as migratory flows resulting from a context of constant deterritorialization and violation of rights, culminating in the most extreme level of food and nutritional insecurity. It also proposes to think of encounters between those who wander and constitute crowds of hungry people as acts of solidarity for the preservation of life. This perspective emerges from epistemological nomadisms for approaching and expanding care in food and nutrition, considering its rhizomatic character.*

Key-Words: *Food and Nutrition Security. Social Inequity. Food and Nutrition. Culture.*

* Doutora em Alimentos, Nutrição e Saúde – UFBA- Professora da UNIJORGE, NEPAC/UFBA.

** Mestre em Alimentos, Nutrição e Saúde/ NEPAC/UFBA.

*** Mestrando em Alimentos, Nutrição e Saúde NEPAC/UFBA.

Ante ao convite para transitar por zonas de indiscernibilidade entre arte, pensamento, vida, trago comigo a Literatura para pensar sobre o campo da alimentação e nutrição. A literatura, que põe em movimento e alimenta o espírito crítico, ávido de experimentar imagens, linguagens, sentimentos, pensamentos, experiências e as (trans)formações, que dela decorrem. A literatura que provoca o desejo de liberdade e convoca-nos à criação.

Seara Vermelha

“Seara Vermelha”, uma das produções que constituem a vasta obra de Jorge Amado, foi publicada em 1946. O romance narra o êxodo de nordestinos na década de 1930.

E através da caatinga, cortando-a de todos os lados, viaja uma inumerável multidão de camponeses. São homens jogados fora da terra pelo latifúndio e pela seca, expulsos de suas casas, sem trabalho nas fazendas, que descem em busca de São Paulo, Eldorado daquelas imaginações. Vêm de todas as partes do Nordeste na viagem de espantos, cortam a caatinga abrindo passo pelos espinhos, vencendo as cobras traiçoeiras, vencendo a sede e a fome, os pés calçados nas alpargatas de couro, as mãos rasgadas, os rostos feridos, os corações em desespero. São milhares e milhares se sucedendo sem parar. (AMADO, 2009, posição 654.5685)

Em meio aos andarilhos, estão as famílias de Jerônimo e João Pedro. O primeiro com a esposa Jucundina, dois filhos, três netos órfãos e a cunhada Zefa. O segundo com a esposa Dinah e a filha Gertrudes. Um jumento, uma gata, pouca roupa e quase nenhuma comida.

Para iniciar a discussão que aqui pretendo fazer, permitam-me ler fragmentos da narrativa do momento em que se encontram com outro grupo.

Era uma família que estava acampada sob o oitizeiro. Além do homem que os recebera havia mais dois rapazes e quatro mulheres.

[Jucundina prepara o modesto jantar]

— Vosmecês são servidos?

Houve um gesto impreciso de uma das moças. Como se quisesse marchar para diante e aceitar. Jucundina teve medo. Tinha ainda muito caminho pela frente e pouco mantimento. O dinheiro era contado para as passagens no navio até Pirapora. Podiam dispor de pouco e o que levavam mal daria se fizessem a viagem com a rapidez que pretendiam.

Ficou olhando a moça que não chegou a sair do lugar, apenas o pescoço estendeu-se para logo se recolher.

Foi o homem que antes empunhava a repetição quem respondeu:

— Obrigado. Nós já comeu vai pra mais de meia hora...

Jucundina dividiu a carne. Deu pedaços maiores aos três homens. Zefa silenciara e mastigava num canto, benzendo-se de quando em vez. Dinah deu um pedaço de sua carne a Gertrudes e pediu a João Pedro que armasse a rede. Jucundina começou a coar o café.

As latas eram poucas e só havia dois canecos. Serviu primeiro a Jerônimo e João Pedro. As moças olhando, os rapazes olhando também. O homem da repetição havia baixado a cabeça, talvez para não olhar ele também, talvez para não ver as filhas e os filhos de olhos puxados para o café. Mas não resistiu até o fim. Quando Jucundina estava servindo a Zefa e a Marta, ele falou:

— Se vosmecê pode dar, eu aceito um pingão de café pras duas meninas...

E antes mesmo que Jucundina respondesse, ele explicou, as mãos balançando, a voz distante:

— É que faz muito tempo que a gente tá viajando. Nós vem do Ceará e já acabou tudo que a gente trouxe. Faz três dias que não tem café. Só tem mesmo rapadura e farinha...

Todos tomaram café. E Jucundina ainda deu um pedaço de carne. Pequeno, mas que foi recebido num silêncio que valia mais que qualquer ruidosa manifestação de alegria.

— Deus ajude vosmecê... (AMADO, 2009, posição 919.5685)

Os fluxos migratórios proporcionam encontros. Encontros entre seres errantes que, demovidos daquele que parecia ser o seu lugar no mundo, foram empurrados sob o sol causticante, para peregrinar por entre arbustos secos e espinhos emaranhados na vegetação inóspita (VIDAL, 2013; CÉSAR, 2015). Carentes de quase tudo, ambos desfeitos

pelo descaso, pelo desterro, agora trilhando os “caminhos da fome”, feitos de angústia, incerteza, agonia, mas não apenas isso.

Na cena descrita, os sertanejos compartilham os seus parcos suprimentos. Desenvolvem atos dos quais emerge um cuidado mediado pela comida. Atos de solidariedade que demonstram o valor e o respeito à vida. Atos de uma gratidão remetida à divindade: — Deus ajude vosmecê... Atos voltados à autopreservação, mas também a preservação de outrem. Pois, é pela incorporação de partículas constitutivas do que denominamos alimentos, que o mundo adentra o corpo para integrá-lo, para dinamizá-lo. O fenômeno da alimentação nos mantém no mundo e invariavelmente, envolve solidariedade e interdependência entre os seres e as coisas.

Nesse sentido, o cuidado em alimentação e nutrição emerge de redes múltiplas e interligadas. “Construções imanentes formadas por arranjos provisórios que, a todo momento, integram atores humanos e não humanos em fluxos constantes de conexões entre si e com o mundo. Interações que os modificam (atores, redes e mundos) incessantemente” (MAGALHÃES; AMPARO-SANTOS, 2020, p. 9).

A fome de um agricultor evidencia que os alimentos que ele produz não lhe pertencem. Há obstruções, ausências, insuficiências, relações de poder, atuações pouco salutares que esgarçam e fragilizam as tessituras (CÉSAR, 2015). Aos poucos atores que restam, incide a tarefa de produzir entrelaçamentos reparadores, capazes de amparar a produção de vida e a continuidade da existência. As redes de cuidado em alimentação e nutrição demonstram ser formações rizomáticas.

Ainda assim, ante o contexto de constante desterritorialização, precariedade e violação de direitos, as redes podem falhar. A narrativa da travessia do Rio São Francisco pelos retirantes em um barco a vapor, denuncia a desigualdade e o desrespeito à dignidade humana, remetendo-nos ao “Navio Negreiro” de Castro Alves. Muitos não resistem à longa e devastadora viagem.

Mas, a dispersão dos membros da família começa tempos antes. Zefa, irmã de Jucundina escolhe o misticismo e torna-se uma peregrina ao lado do Beato Estêvão. Os filhos de Jerônimo e Jucundina - João, Zé Trevoada e Nenem - recusam o jugo da exploração. O primeiro, a quem o trabalho na roça parecia cada vez mais estafante e sem futuro, foge para uma capital distante e torna-se policial. O segundo, movido pela revolta e pela sede de vingança, adentra o sertão e torna-se um dos cangaceiros do bando de Lucas Arvoredo. O terceiro, inconformado com a injustiça social, ingressa no exército, torna-se comunista e articula um levante com os cabos e soldados.

Os diferentes rumos escolhidos não rompem os laços parentais, mas evidenciam que o grupo não é uníssono. Longe de reafirmar o modelo de família plenamente harmônico, em comunhão orgânica de sentidos atribuídos à vida, quase fusional, Jorge Amado expressa outra noção de comunidade.

Uma comunidade diversa, heterogênea, cuja dispersão é iminente. Uma “comunidade de celibatários” que se afastam para elaborar as suas próprias maneiras de ser e estar no mundo, que se deslocam para produzir e preservar a originalidade do seu próprio e mutável ritmo, para expandir sua potência vibratória, para compor e constituir, de modo sempre provisório novos “acordos e acordes” (PELBART, 2003).

Assim como em “Capitães de Areia”, “Mar Morto”, “Suor”, o autor baiano denuncia os efeitos da desigualdade social, ao tempo em que expõe a alegria, o desejo pela vida, o exercício da liberdade, os atos de coragem, solidariedade, transgressão, subversão e insurgência daqueles que trilham as “estradas da esperança”.

Considerado criminoso por ser comunista, Nenem é encarcerado. Contudo, o aprisionamento do seu corpo, não cessa os seus movimentos e o cabo Juvêncio faz da prisão “a sua universidade”. A contenção e exílio possibilitam encontros com os autores dos “*livros que cobijava nos dias anteriores à revolução de 35*”. Encontros potencializados por aqueles que “*sabiam que deviam cultivar no moço sertanejo o interesse pelo problema do campo. E lhe enviavam todos os materiais, livros e folhetos que tratavam da questão camponesa. Ele os devorava nos dias longos da prisão*” (AMADO, 2009, posição 5205.5685). Encontros e afecções que nutrem o seu ser e aumentam a sua potência de agir. Após a soltura, ele retorna ao sertão para esclarecer os camponeses sobre os seus direitos. Retorna para a colheita.

Mas, o autor mantém desfechos em aberto:

É uma viagem que há muito começou e ninguém sabe quando vai terminar porque todos os anos os colonos que perderam a terra, os trabalhadores explorados, as vítimas da seca e dos coronéis juntam seus trapos, seus filhos e suas últimas forças e iniciam a jornada. E enquanto eles descem em busca de Juazeiro ou de Montes Claros, sobem os que voltam, desiludidos, de São Paulo, e é difícil, se não impossível, descobrir qual a maior miséria, se a dos que partem ou a dos que voltam. (AMADO, 2009, posição 673.5685)

Os livros “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus e “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire poderiam ser indicados para pensar sobre as continuidades da estória. O primeiro por se basear na escrita do cotidiano de uma mulher negra, pobre, migrante e mãe solo na cidade de São Paulo, que conquista espaço na literatura brasileira. O segundo por ser da autoria de um nordestino, que analisa criticamente os contextos de opressão incorporados e naturalizados na história desse país. Contudo, faz-se necessário voltar à Seara Vermelha.

O acampamento do Beato Estêvão é cercado com o intuito de conter a rebeldia dos colonos, que abandonam as fazendas para segui-lo, mas nos jornais da capital são publicados

Artigos dizendo que o beato estava incitando os homens do sertão à desordem, que corria perigo a safra daquele ano por falta de braços, que os mais são princípios da civilização cristã [...] perigavam, sucumbiam naquela onda de superstição que tão rapidamente se alastrava por todo o sertão nordestino. (AMADO, 2009, posição 4036.5685)

Com a chegada dos cangaceiros para defender o beato e o seu povo, os policiais proíbem a passagem dos romeiros para que não se juntem ao grupo e impedem que os sertanejos acessem comida e água.

As estratégias baseiam-se na interrupção de fluxos para conter o aumento da “potência de vida multidão”. Mas, por trás delas há ainda lógicas interrogadas por João, momentos antes de entrar em confronto com o próprio irmão, Zé Trevoada:

Pra que foi feito cangaceiro se não para matar soldado de polícia, pra que foi feita a polícia se não pra caçar jagunço na caatinga? Era uma guerra sem fim e sem razão [...]. Sem razão por que eram tão parecidos, eles e os cangaceiros, em verdade eram iguais, que diferença havia? (AMADO, 2009, posição 3967.5685)

Por outro lado, cabe destacar que, da desterritorialização dos pequenos agricultores, decorre ainda um tipo de epistemicídio que possibilita capturas e sequestros pelo Capitalismo.

Dando continuidade às lógicas que fundaram o Brasil colonial, a organização territorial contemporânea mantém a hegemonia dos grandes latifúndios. A expulsão e exploração dos pequenos agricultores agravou as desigualdades sociais e abriu espaço para a expansão do agronegócio e da indústria de alimentos, para o aumento do uso de

agrotóxicos, das monoculturas e da transgenia, evidenciando processos de apropriação e expropriação da alimentação (DAUFENBACK *et al*, 2020; FRUTUOSO; VIANA, 2021).

Tais modelos vigentes operam uma modalidade de produção do comum. Um comum alimentar que opera capturas da diversidade e se insinua sobre as práticas cotidianas, afastando os corpos das possibilidades de encontros salubres, vibrantes, ressonantes. Pois, pela heterogeneidade e natureza das partículas constitutivas, do que denominamos comida, o mundo adentra o corpo, integrando-o, dinamizando-o, provocando pulsão de vida. Provocando mútuas afecções que de tão intensas podem passar a habitar registros mnemônicos. Singulares encontros, singulares ressonâncias, singulares registros.

Assim, embora esse comum alimentar por vezes obscureça as matizes e nuances da alimentação cotidiana sempre condicional, sempre mutável e diferente como os dias que se sucedem e surpreendem, todos esses processos que intencionam a completa subordinação às regras e normas de um cuidado heterônomo, verticalizado, colonizado, a grandeza da existência sempre escapa, escorre, transcende.

Neste contexto pandêmico em que as guerras “sem fim e sem razão” continuam a impor desterritorializações, indígenas, quilombolas e “o povo da roça” resistem (AMADO, 2009, posição 3965.5685). Empreendendo outras lutas para se manterem no mundo. Lutas que não se restringem à doação de alimentos para evitar que pessoas vivenciem dolorosa experiência da fome, mas que se articulam em movimentos sociais que se voltam à soberania alimentar e acionam mecanismos legais de exigibilidade do Direito Humano à Alimentação e Nutrição Adequadas para promover a emancipação e o aumento da sua, da nossa potência de existir.

Nesse sentido, é importante afirmar que:

Sabendo-se atores, os sujeitos podem se situar melhor nas redes e atuar de modo integrado, segundo princípios éticos, desenvolvendo posturas mais politizadas e conscientes que relacionam as práticas no âmbito privado à soberania alimentar e aos sistemas de produção economicamente justos e sustentáveis. Ao tornarem-se mais ativos e conscientes, é possível que se conectem de outros modos com os alimentos, entendendo que a alimentação está ligada a outros direitos humanos fundamentais – como saúde, trabalho e educação – e assim se posicionar na luta pela implantação e execução de políticas públicas que oportunizem a garantia da Segurança Alimentar e Nutricional à população. (MAGALHÃES; AMPARO-SANTOS, 2020, p. 9)

Por fim, creio que seja importante marcar, que sou efeito dos encontros decorrentes do êxodo dos nordestinos. Um baiano, uma pernambucana, dois desertores, que chegaram à cidade de São Paulo, em busca de uma vida melhor, levando consigo quase nada.

Sou também migrante. De São Paulo à Bom Jesus da Lapa. De Bom Jesus da Lapa à Salvador. Da Nutrição ao constante trânsito pelos campos da Antropologia, Sociologia, História, Educação, Saúde Coletiva, Filosofia, Literatura. Do reconhecimento da orfandade à eleição das filiações (pessoais e teóricas) como um modo de exercício da autonomia. E assim como o que produzo, também sou eu um efeito destes nomadismos epistemológicos.

Ao escolher outros caminhos, e afirmando aquilo que me distingue, os afastamentos e as incertezas são inevitáveis. Por outro lado, ao longo dessa sinuosa e edificante trajetória, outros encontros tornam-se possíveis. Outros nômades, outros modos de existir, outros acolhimentos, outras formas de inventar direções, outros devires.

Em mim, deslocamentos estão em curso. A minha presença nesse espaço é efeito dos encontros com um dos meus mais recentes bandos.

Referências

- AMADO, J. **Seara Vermelha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Edição Kindle.
- AGAMBEN, G. **A comunidade que vem**. Tradução de Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BARTHES, R. **Como viver junto**: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- CÉSAR, C. **Reis do agronegócio**. Estado de Poesia, 2015.
- DAUFENBACK, V. et al. Desigualdade no acesso à terra e insegurança alimentar e nutricional: um olhar sobre os marcos políticos, legais e institucionais da segunda metade do Império até o primeiro governo de Getúlio Vargas (1850-1945). **Revista Ingesta**, n. 2, v. 1, p. 96-117, 2020.
- FRUTUOSO, M. F. P.; VIANA, C. V. A. Quem inventou a fome são os que comem: da invisibilidade à enunciação –uma discussão necessária em tempos de pandemia. **Interface -Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, 2021.
- MAGALHÃES, L. M.; AMPARO-SANTOS, L. Multiplicidade, heterogeneidade e coordenação: a produção do cuidado em alimentação e nutrição a partir das práticas de apoio matricial. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 7, 2020.
- NANCY, J-L. **A comunidade inoperada**. Tradução de Soraya Guimarães Hoepfner. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.
- PELBART, P. P. A comunidade dos sem comunidade. In: PELBART, P. P. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003, p. 28-41.
- VIDAL, L. Seara vermelha: homens em deslocamento, homens em espera no Nordeste dos anos 1930. **Revista Porto**, v. 2, n. 3, p. 2-16, 2013.